

ESTUDO SOBRE MUDANÇAS DE ATITUDES SOCIAIS: CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DE CURSOS DE CAPACITAÇÃO

STUDY ON SOCIAL ATTITUDE CHANGES: CONTRIBUTIONS FROM TRAINING COURSES

Maewa Martina Gomes da SILVA E SOUZA¹

Aline de Novaes CONCEIÇÃO²

Adriana Alonso PEREIRA³

RESUMO: para refletir sobre a construção social da deficiência, é necessário compreender as atitudes sociais que são sentimentos duradouros pró ou contra objetos sociais. A partir dessa confirmação, este estudo, teve por escopo modificar as atitudes sociais de pedagogos em relação à inclusão. Para isso, participaram da pesquisa quatro estudantes do curso de Pedagogia e uma professora da rede municipal de uma cidade do interior de São Paulo. Inicialmente, todos os participantes responderam a uma versão da Escala *Likert* de Atitudes Sociais em relação à Inclusão, após isso, participaram de um curso de capacitação tendo como objetivo a aplicação de um conjunto de ações baseadas em técnicas de modificações de atitudes sociais. Por fim, os participantes responderam a uma segunda versão da escala mencionada. Os resultados obtidos com as escalas, sugerem mudanças significativas nas atitudes dos participantes, permitindo que suas práticas se tornem mais favoráveis à inclusão de alunos com deficiência.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Especial. Atitudes Sociais. Formação Docente.

ABSTRACT: to reflect on the social construction of disability, it is necessary to understand the social attitudes that are lasting feelings for or against social objects. From this confirmation, this study aimed to modify the social attitudes of pedagogues in relation to inclusion. For that, four students from the Pedagogy course and one teacher from the municipal network of a city in the interior of São Paulo participated in the research. Initially, all participants answered a version of the *Likert* Social Attitudes toward Inclusion, after which they participated in a training course with the objective of applying a set of actions based on techniques of social attitudes modification. Finally, participants responded to a second version of the above-mentioned scale. The results obtained with the scales suggest significant changes in the attitudes of the participants, allowing their practices to become more favorable to the inclusion of students with disabilities.

KEYWORDS: Special Education. Social Attitudes. Teacher Training.

1. INTRODUÇÃO

Para refletir sobre a construção social da deficiência, é necessário perpassar pela temática das atitudes sociais. As atitudes sociais são variáveis que podem auxiliar na reflexão sobre a construção social das deficiências.

¹ Doutoranda e Mestra em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Marília/SP. Endereço: rua Joaquim Nabuco, nº 52ª, São Miguel, Marília/SP, CEP 17506-200. Membro do Grupo de Pesquisas “Diferença, Desvio e Estigma” da FFC/UNESP, e-mail: maewa_martina@yahoo.com.br

² Doutoranda e Mestra em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Marília/SP. Endereço: rua Theodoro Marques Pinto, nº 126, Palmital, Marília/SP, CEP 17.511-280. Membro do Grupo de Pesquisas “Diferença, Desvio e Estigma da FFC/UNESP”, e-mail: alinenovaesc@gmail.com

³ Mestranda em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Marília/SP. Endereço: rua Urias Avelino de Moraes, nº 145, César de Almeida, Marília/SP, CEP 17.511.830. Membro do Grupo de Pesquisas “Diferença, Desvio e Estigma” da FFC/UNESP, e-mail: adriana.hds@gmail.com

Assunto essencialmente de domínio da Psicologia Social, as atitudes sociais são sentimentos duradouros, pró ou contra objetos sociais, e são constituídas por três componentes, sendo eles afetivo, cognitivo e comportamental.

O estudo dessa variável se torna relevante no processo de formação de professores, uma vez que, de acordo com Oliveira (2006), muitas pesquisas que tratam das concepções e atitudes sociais têm demonstrado que os professores não se sentem preparados para trabalhar com as demandas de um ensino inclusivo.

Nesse seguimento, o despreparo pode gerar uma série de desdobramentos prejudiciais, segundo Souza (2017, p. 753) se

[...] o docente estiver mantendo atitudes desfavoráveis à inclusão, pode ter impressões equivocadas ou inadequadas de seus alunos, considerando-os, por exemplo, pouco competentes e, por conseguinte, não lhes proporcionando, condições adequadas para o desenvolvimento pleno de sua aprendizagem.

Buscando minimizar as implicações de atitudes desfavoráveis, é imprescindível conhecer e, havendo condições, criar e aplicar intervenções como as de Omote et al (2005) e Souza, Silvero e Galhardi (2014), que conseguiram desenvolver capacitações para professores ainda em seu processo de formação inicial, dedicadas às concepções de deficiência e resultados efetivos com as atitudes sociais.

Nesse sentido, mesmo que as ações e pesquisas a esse respeito ainda sejam consideradas escassas (SCIOR, 2011), estudos que envolvam as atitudes sociais em relação à inclusão são necessários, pois podem fornecer indícios de como os envolvidos no ensino inclusivo estão lidando com seus alunos, bem como elaborar e aplicar possíveis estratégias de enfrentamento.

Entretanto, não basta apenas mensurar as atitudes sociais em relação à inclusão, é necessário que os estudos avancem na direção da criação de estratégias que possibilitem intervir para tornar as atitudes sociais mais positivas em relação à inclusão (VIEIRA; OMOTE, 2017).

Considerando todas as formas de se estudar, desenvolver, aplicar e analisar as atitudes sociais, uma das maneiras de compreendermos seu desenvolvimento e relevância é a partir da realização de pesquisas na área, uma vez que embora sejam crescentes as pesquisas na área da Educação Especial, ainda é possível localizar problemas e dificuldades de profissionais envolvidos com a educação das pessoas com deficiência.

Diante disso, faz-se necessário compreender as pesquisas que estão sendo realizadas nessa área, como fez Omote (2014), ao avaliar a produção científica na área da Educação Especial, utilizando periódicos e eventos científicos da área.

Dessa forma, ressalta-se que atualmente, na área da Educação Especial, há temas repetidos e poucos temas inovadores, além de haver limitações metodológicas, havendo uma

[...] menor frequência de pesquisas experimentais, especialmente as de laboratório, as quais, por diversos fatores, encontram pouca aceitação junto à comunidade científica das áreas humanas e sociais. A falta de estudos com controle de variáveis impede o estabelecimento de relações casuais nos eventos investigados, e conseqüentemente, a proposição, com relativo “conforto científico”, de novas metodologias e propostas de atendimento e/ou intervenções necessárias ao desenvolvimento de uma parcela significativa de sujeitos, por exemplo, com graves deficiências. (GLAT; OMOTE; PLETSCHE, 2014, p. 26).

Nessa perspectiva, ao examinar 10% dos mais de 4.300 trabalhos que foram publicados em eventos científicos dos últimos seis anos, Glat, Omote e Pletsch (2014) observaram que esses trabalhos pertenciam às seguintes categorias: “1- Ensaio Teórico/ Revisão ou Pesquisa Bibliográfica/ Pesquisa Documental”; “2- Estudo Descritivo/ não experimental”; “3- Relato de Experiência”; “4- Pré-experimental/ Pesquisa ação”; “5- Quase Experimental/Experimental” e “6- Miscelânea/Indefinido”.

De acordo com essas categorias, consideraram-se como relato de experiência a descrição de alguma experiência empírica “[...] consistindo de intervenções realizadas em contextos de trabalho profissional do autor, tais como escolas, instituições, hospitais, clínicas, etc.” (GLAT; OMOTE; PLETSCHE, 2014, p. 29).

Na pesquisa “pré-experimental/pesquisa ação”, incluíram-se

[...] estudos de um (1) único grupo, sujeito, cenário ou situação (classe e escola), no qual um procedimento é aplicado e avaliado como resultado final ou, então, por meio de uma avaliação contínua durante a intervenção, a título de análise do processo; (2) um único grupo ou sujeito com pré-teste ou linha de base, intervenção e pós-teste, e o efeito é concluído com base na comparação do pós e o pré-teste, e o efeito é concluído com base na comparação do pós e o pré-teste; e (3) dois grupos não aleatórios, um considerado como experimental e outro como controle, porém sem pré-teste ou linha de base para comparar o resultado prévio de um grupo com o outro. Em todos esses casos, há variáveis não controladas (como por exemplo, a passagem de tempo, a atenção do pesquisador, familiaridade com a situação de ensino, etc) que podem resultar ou influenciar a eventual mudança ou diferença verificada. (GLAT; OMOTE; PLETSCHE, 2014, p. 29).

Na pesquisa “quase experimental/experimental”, há as pesquisas com controle de variáveis com

[...] sujeitos únicos em linha de base múltipla [...] em que a variável independente é introduzida sequencialmente (três crianças, ou uma criança em três ambientes) ou dois grupos não equivalentes (duas classes de uma mesma série da escola ou duas escolas), cumprindo um papel de experimental e o outro o de controle, com pré e pós-teste. Neste caso, a comparação pré-pós do grupo experimental e do grupo controle, ou das diferentes linhas de base, permite sugerir possível efeito da manipulação aplicada no grupo experimental. Entretanto, pode ainda não haver controle eficiente de variáveis estranhas, já que os grupos ou as situações da linha de base múltipla, não são constituídos aleatoriamente. Se, nesse mesmo tipo de delineamento, os grupos forem constituídos aleatoriamente, de sorte a serem equivalentes, ou, no caso de uma linha de base múltipla, que não houvesse contato prévio entre os participantes das diferentes etapas, o delineamento seria considerado *experimental*. (GLAT, OMOTE, PLETSCHE, 2014, p. 29, grifo do autor).

Nesse tipo de pesquisa, é importante considerar que o pré-teste pode sensibilizar o sujeito e, assim, fazer com que apresente ganhos nas respostas posteriores.

Por fim, a categoria denominada de “miscelânea/indefinido” consiste em trabalhos que não se enquadram em nenhuma categoria explicada.

Glat, Omote e Pletsch (2014), após análise, constataram que 17% dos trabalhos era Ensaio Teórico, 51% era Estudo Descritivo, 16% Relatos de Experiência, 12% Pré-Experimental, 2% Quase Experimental e Experimental e 2% Miscelânea.

Assim, pode-se afirmar que “[...] 85% da produção científica na área de Educação Especial nos últimos seis anos envolvem pesquisas que não têm como objetivo intervir cientificamente na realidade, com vistas a produzir algum tipo de efeito ou transformação”. (GLAT, OMOTE, PLETSCHE, 2014, p. 32).

Desse modo,

[...] pode-se afirmar que a produção do conhecimento em Educação Especial tem servido mais como ‘denúncia’ dos problemas enfrentados para a aprendizagem e inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais, do que como apresentação de intervenção, fundamentadas cientificamente, que possibilitem a minimização dessas barreiras. (GLAT, OMOTE, PLETSCHE, 2014, p. 35).

Nesse sentido, Barbosa (2014) também buscou analisar artigos científicos na área da Educação Especial, o autor enfocou especificamente nos unitermos “talento”, “superdotação”, “altas habilidades” e “dotação”, e selecionou as pesquisas realizadas nos últimos cinco anos.

A partir disso, o autor observou que a maioria dos textos localizados consistiram em pesquisas empíricas, havendo ausências de estudos explicativos. O autor destacou que as poucas pesquisas sobre a temática estudada não apresentaram muitas diferenças metodológicas e houve a “[...] falta de investigações explicativas com delineamentos experimentais ou quase experimentais”. (BARBOSA, 2014, p. 122).

Considerando os resultados apresentados pelas pesquisas citadas que demonstram haver ausência de estudos interventivos, acredita-se que pequenas ações poderiam alterar esse quadro. Uma delas, seria não apenas elaborar capacitações sistemáticas, mas também elaborar meios para se mensurar os impactos desses cursos em seus participantes.

Dessa forma, visando minimizar as barreiras da inclusão a partir da intervenção realizada com a utilização de reflexões sobre a temática, o estudo apresentado neste texto, teve como objetivo modificar as atitudes sociais em relação à inclusão antes e após um curso de capacitação sobre inclusão e diversidade.

2. MÉTODO

2.1. PARTICIPANTES

Participaram de todas as etapas deste estudo cinco pedagogas na faixa etária de 24 a 29 anos de idade. Com relação às características dos participantes, quatro eram estudantes do curso de pedagogia e uma era professora de uma rede municipal do interior do Estado de São Paulo.

Participaram deste estudo quatro estudantes do curso de pedagogia e uma professora de uma rede municipal do interior do Estado de São Paulo, na faixa etária de 24 a 29 anos de idade.

2.2. Material

O material da pesquisa foi gerado durante o oferecimento de um curso de capacitação. O curso teve a duração de 4 horas e foi realizado a partir da apresentação de conceitos e implicações de atividades interventivas na área da Educação Especial, bem como a apresentação

de um programa informativo, juntamente de suas respectivas técnicas, recursos e estratégias pedagógicas para proporcionar discussões e reflexões de como se construir ambientes escolares inclusivos, propiciando mudanças de concepções e atitudes sociais de crianças sem deficiência com relação à inclusão.

Como material para a pesquisa, foram utilizadas as duas versões da Escala *Likert* de Atitudes Sociais em relação à Inclusão (ELASI versão A e B). A ELASI foi elaborada pelo Grupo de Pesquisa “Diferença, Desvio e Estigma” da UNESP “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Marília/SP, e foi elaborada com o objetivo de mensurar as atitudes sociais em relação à inclusão.

Na Escala há duas versões equivalentes contendo 35 itens na versão A e na versão B. Em cada item há cinco alternativas que expressam o grau de concordância ou discordância em relação ao enunciado.

As alternativas são: “concordo inteiramente”, “concordo mais ou menos”, “nem concordo nem discordo”, “discordo mais ou menos” e “discordo inteiramente”. Em relação aos itens, metade dos enunciados contém enunciados que expressam atitudes favoráveis à inclusão e a outra contém enunciados que expressam atitudes desfavoráveis.

2.3. PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A coleta de dados ocorreu em dois momentos: antes e após o oferecimento do curso de capacitação. Assim, antes de iniciar o curso de capacitação, foi aplicada a forma A da ELASI e, após o curso de capacitação, foi aplicada a forma B.

Inicialmente, foi apresentada a ELASI e as instruções foram lidas juntamente com os participantes, frisando que a participação era opcional bem como o anonimato. Durante a coleta de dados, observou-se que os participantes responderam a escala em 30 minutos e não apresentaram dúvidas quanto ao preenchimento do instrumento.

Para a análise dos dados da ELASI, foram calculados os escores de atitudes sociais em relação à inclusão de cada participante, através da substituição dos itens favoráveis (tanto para a ELASI forma A quanto B) pelos valores 5, 4, 3, 2, 1, sendo concordo inteiramente 5 pontos, concordo mais ou menos 4 pontos, nem concordo nem discordo 3 pontos, discordo mais ou menos 2 pontos e discordo inteiramente 1 ponto. O mesmo foi realizado com os itens desfavoráveis da escala, porém a atribuição dos valores às alternativas ocorreu na ordem crescente. O escore de cada participante é dado pela soma dos pontos obtidos nos itens, podendo variar de 30 a 150.

2.4. ASPECTOS ÉTICOS

Ressalta-se que a pesquisa respeitou todas as normas estabelecidas pela resolução nº 466/2012 (BRASIL, 2012), referentes aos aspectos éticos em pesquisa com seres humanos e foi realizada após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP).

Os participantes assinaram um *Termo de Consentimento Livre e esclarecido* para a participação voluntária na pesquisa antes do início da aplicação da primeira escala.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação ao curso de capacitação e às estratégias pedagógicas utilizadas, inicialmente, foi apresentada uma breve contextualização sobre os diferentes momentos históricos que marcaram a trajetória das pessoas com deficiência, passando pelos paradigmas da inclusão.

Após a contextualização foram apresentadas as concepções de crianças sem deficiência de 6 a 16 anos de idade sobre as deficiências. Tais concepções foram distribuídas de acordo com quatro categorias de deficiências: física, visual, auditiva e intelectual. Essas concepções são provenientes de resultados de uma pesquisa de mestrado de Souza (2014). Ao demonstrar essas concepções foi possível traçar um processo evolutivo das compreensões humanas sobre as deficiências, de que forma os processos anteriores tratados na contextualização ainda influenciam conceitos e atitudes sociais, ainda que em crianças pequenas.

Por conseguinte, foi discutido o conceito de atitudes sociais em relação à inclusão e, também, temas que estão diretamente ligados à maneira como percebemos a pessoa com deficiência e como essa percepção nos pode auxiliar a ter uma concepção mais positiva ou não em relação à deficiência. Questões conceituais como a diferença, o desvio e o estigma são fundamentais para a compreensão do fenômeno das deficiências e permitem compreender e situar-nos em diferentes contextos históricos que contribuíram com a consideração da deficiência como algo profano e, hoje, contribui com a consideração da pessoa com deficiência como um sujeito de direitos e deveres.

No curso de capacitação, a percepção social também foi um tópico abordado à luz dos fundamentos de Sternberg (2000). Utilizando imagens da *Gestalt* foi possível proporcionar uma situação capaz de envolver os participantes a verificarem na prática o fenômeno da percepção social, onde o que é inteiro é interpretado de maneira diferente da soma de suas partes.

Em seguida, discutiu-se o que poderia ser feito para alterar as concepções e atitudes sociais em relação à inclusão, por intermédio do uso de estratégias pedagógicas e norteadores gerais das intervenções. As estratégias incluem não negar as deficiências; ampliar a visibilidade dos sujeitos; compartilhar ideias em público, defendê-las publicamente, dentre outras. Tais estratégias possibilitam a propagação de ideias em prol da inclusão, reforçando publicamente, ou seja, aumentando a força por intermédio dos grupos sociais e reforçando a aceitação das pessoas com deficiência. Para isso, são necessários norteadores para intervir através do contato e fornecimento de informações onde as pessoas possam ter espaço para debater abertamente sobre dúvidas em um ambiente acolhedor sobre as curiosidades, sem julgamentos para que seja possível ter atitudes mais positivas em relação à inclusão, possibilitando desmitificar concepções inadequadas, preconceitos entre outros.

Após isso, os participantes foram apresentados a um programa informativo para trabalhar a diversidade, diferença e as deficiências com as crianças na escola. Esse programa elaborado por Vieira (2014) e apresentado em sua tese, é composto de 10 encontros e visa ser utilizado para informar crianças sobre diversidade, deficiência auditiva, visual, física e múltiplas, intelectual, Síndrome de Down e inclusão. Assim, no curso de capacitação, apresentou-se o tema, objetivo e desenvolvimento de cada um dos dez encontros do programa informativo mencionado.

Em sequência, também foram apresentados resultados da aplicação desse programa com crianças de um terceiro ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de

uma cidade do interior de São Paulo, além de imagens, comentários das crianças e duração de cada encontro do programa (cerca de uma hora). Ressalta-se que esses resultados mencionados foram sistematizados na pesquisa denominada *Construindo um ambiente inclusivo: estudo sobre mudanças de concepções de deficiências e atitudes sociais de crianças em relação à inclusão* (CONCEIÇÃO, 2018), em que a pesquisadora identificou as concepções das crianças pré e pós intervenção, a partir de respostas de um questionário e da Escala *Likert* Infantil de Atitudes Sociais em relação à inclusão.

No curso de capacitação foi frisado que para o desenvolvimento do programa era necessário que os participantes conhecessem a turma, tivessem a autorização da instituição, conversassem com as crianças, tivessem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e fizessem combinados com a turma antes dos encontros.

Em seguida, os participantes foram convidados a participarem do encontro 1 e 2 do programa informativo elaborado por Vieira (2014), a fim de experimentarem a vivência da participação. Abaixo, no Quadro 1, há esses encontros na íntegra:

Quadro 1- Encontro 1 e 2 do programa informativo sobre diversidade

DESENVOLVIMENTO DOS ENCONTROS
<p>Encontro: 1</p> <p>Tema: A diversidade na natureza e entre os homens</p> <p>Objetivos: introduzir o tema da diversidade na natureza e entre os homens, construindo uma visão positiva das diferenças e da necessidade de respeito entre elas por meio de jogos coletivos e desenhos.</p> <p>Materiais: jogos de mico e de memória com animais, lousinha, giz, apagador e recortes de palavras variadas.</p> <p>Atividades: Dividir as crianças em três grupos, de no máximo dez crianças cada um. Dois grupos receberão um jogo cada um e as instruções de como jogá-lo. O outro grupo receberá uma lousinha de mão, giz, apagador, recortes de palavras dobrados e as instruções do jogo de desenhos (cada participante receberá uma palavra e deve desenhar o que estiver escrito na lousa para os demais tentarem acertar a palavra). Solicitar que observem as cartas e desenhos atentamente. Metade do grupo deve jogar e a outra metade apenas observar; depois, trocam-se as posições das crianças. Ao final, cada criança deve escolher uma carta ou palavra para ficar consigo no debate posterior. As crianças devem jogar por aproximadamente 10 minutos por metade, totalizando 20 minutos.</p> <p>Debate sobre as atividades:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Perguntar a cada grupo como eram as cartas e depois como foram os desenhos. Primeiro sobre os animais, questionar quais estão com animais de diferentes tamanhos, cores, hábitos. Depois, com relação às palavras e desenhos, os diferentes alimentos, lugares, objetos, esportes. Questionar sobre seus gostos, preferências. • Solicitar que as crianças relatem as diferenças que observam em seu dia-a-dia entre as pessoas, quanto a aparência, gostos e habilidades. Devem ser estimuladas a relatar diferenças de etnias, religiões, idade, gênero, idéias, personalidade. • Explicitar que as diferenças existem e isso não é ruim, isso faz com que a natureza, as pessoas, o mundo se completem. Às vezes as pessoas são diferentes em alguns pontos e semelhantes em outros. Dar exemplos concretos e do cotidiano. Incentivar a valorização das diferenças, as formas de se agir com respeito. <p>Tarefa: Solicitar às crianças que observem em casa e na rua as diferenças e as semelhanças entre as pessoas (pais, amigos e estranhos).</p>

Encontro: 2

Tema: A diversidade e as deficiências

Objetivos: retomar o tema da diversidade entre os homens, construindo uma visão positiva das diferenças e a necessidade de respeito entre elas. Introduzir a temática das deficiências, falando de nomenclaturas, limitações e possibilidades, no contexto da Educação Inclusiva, por meio da confecção do “painel da diversidade”, com recortes e colagem.

Materiais: recortes de revistas e jornais com imagens de pessoas diferentes em sua aparência, etnia, estilo, idade, gênero, assim como imagens de diferentes esportes, religiões, regiões, profissões, alimentos e objetos; papel craft, cola, vídeo com imagens de pessoas com deficiências.

Atividades:

- Solicitar o relato da tarefa para voluntários: o que observaram em casa e na rua sobre diferenças e semelhanças entre as pessoas.
- Painel da diversidade: Distribuição dos recortes com figuras variadas entre as crianças. Solicitar que as crianças observem as figuras (as que conhecem e as que nunca viram). As figuras devem ser trocadas entre as crianças pela professora e, então, recolhidas e espalhadas sobre uma mesa ou num canto do chão. Solicitar às crianças em grupos de três, chamadas pela professora para irem até lá e escolherem uma figura cada. As figuras de que mais gostem ou menos gostem ou as figuras que para elas representem diferenças, em qualquer âmbito. Elas devem escolher e colar no painel. Depois disso, o painel deve conter figuras escolhidas por todas as crianças e deve ser mostrado a todos, como algo do coletivo, que representa a diversidade daquele grupo, de modo positivo.

• Deve-se enfatizar que as pessoas têm diferentes preferências, identificam-se ou não com determinadas pessoas e objetos, mas isso não significa que uns são melhores que os outros. Deve haver respeito e espaço para todos no mundo, em uma convivência harmoniosa.

• O segundo momento do encontro será uma introdução à temática das deficiências, como previsto, mas o disparador do tema não será o vídeo e sim uma fala e questionamentos do professor, que deve falar da existência de diferenças que muitas vezes as pessoas não estão acostumadas, chamadas de deficiências ou necessidades especiais. Deve dar abertura à fala dos estudantes e perguntar quais sabem o que é isso, o que sabem, se conhecem pessoas assim, pedir exemplos, deixá-los falar. Não é necessário dar muitas explicações nesse momento, mas falar de modo geral sobre as deficiências, que existem diferentes tipos, explicar que irão saber mais sobre o assunto nos encontros seguintes, especialmente sobre como se comportarem e se relacionarem com as pessoas com deficiência.

Já é possível iniciar a diferenciação entre deficiência e “doença”, pela impossibilidade de cura, não contágio, entre outros aspectos. Explicar que cada deficiência pode trazer limitações, ressaltando as possibilidades de essas pessoas desenvolverem-se, relacionarem-se, a necessidade de adaptações e apoios diversos. Deve-se buscar envolver as crianças com a temática, enfatizando que elas podem aprender a respeito e isso pode ser útil para sua vida. Não incentivar sentimentos de piedade, mas de solidariedade. Comentar que existem nomenclaturas mais adequadas e que os apelidos geram sentimentos e atitudes negativas.

Fonte: Vieira (2014, p. 163-164).

Todos os participantes se envolveram na participação dos dois encontros. Ao final do curso de capacitação os participantes assistiram ao vídeo *Jung Von Matt* com o objetivo de serem envolvidos na imersão das dificuldades vivenciadas pela pessoa com deficiência. O vídeo trata de um garoto com deficiência que se veste de urso para conseguir abraços e carinhos de pessoas à sua volta, entretanto, essas demonstrações somente ocorrem quando ele está vestido com uma fantasia de urso, pois quando ele tira a fantasia, as reações das pessoas são as mais diversas, com um misto de medo e expressões de afastamento.

Assistir ao vídeo possibilitou a reflexão das atitudes que a sociedade teve diante do garoto e a modificação da maneira como se vê, ou seja, visualizar toda a construção de conceitos sobre as pessoas e as diferenças que essas possam apresentar, bem como mudar essas concepções e atitudes sociais em relação à inclusão.

Capacitações com esse formato também foram desenvolvidas e descritas por Dias e Souza (2018, p. 5)

- 1) verificação das primeiras lembranças sobre um contato inicial com pessoas com deficiência, resgatando sensações, sentimentos, comportamentos e interferência de terceiros nessa vivência;
- 2) apresentação dos conceitos atuais e adequados das deficiências, bem como da Educação Inclusiva;
- 3) discussão sobre a importância da atuação da Equipe Multidisciplinar;
- 4) papel do Terapeuta Ocupacional na Equipe Multidisciplinar;
- 5) discussão sobre as atitudes sociais;
- 6) apresentação de sugestões de técnicas, estratégias e recursos elaborados pelo Terapeuta Ocupacional para a utilização dos professores com alunos com deficiência;
- 7) apresentação de pesquisas sobre mudanças positivas de atitudes sociais com relação à inclusão, por intermédio de elaborações de textos e de desenhos que receberam cursos com o mesmo objetivo que esse;
- 8) aplicação da dinâmica “A Máquina”;
- 9) encerramento discussões sobre os efeitos do curso para a prática pedagógica desses profissionais.

Embora um dos focos tenha sido fomentar questões sobre a Equipe Multidisciplinar e sobre a atuação da Terapia Ocupacional, as autoras também buscaram modificar as atitudes sociais durante o referido curso. Em decorrência desses fatos, os resultados sugeriram que os participantes apresentaram ligeiras mudanças positivas nas atitudes sociais desses profissionais, propiciando ações mais favoráveis em relação à inclusão.

Nessa mesma direção, ao final do curso de capacitação foi aplicada a forma B da ELASI com o objetivo de verificar se após o curso de capacitação os participantes foram impactados o suficiente para terem modificadas, positivamente, as suas atitudes sociais em relação à inclusão.

Dessa forma, com relação aos dados provenientes da escala, apresentam-se na Tabela 1 abaixo, os dados da variação, mediana e dispersão, de ambas as formas da ELASI, ou seja, a síntese dos resultados expressos em escores que cada participante obteve.

Tabela 1 – Escores da ELASI do pré-teste e pós-teste

ESCORES DA ELASI				
		DISPERSÃO (Q1-Q3)	MEDIANA	VARIAÇÃO (MIN-MAX)
PRÉ-CURSO	ELASI A	135 – 140	135	123 - 143
PÓS-CURSO	ELASI B	136 – 144	142	132 - 145

Fonte: Elaboração própria.

Considerando os dados apresentados, comparou-se os escores de ambos os grupos a fim de avaliar se houve mudança estatisticamente significativa das atitudes sociais em relação à inclusão após a intervenção do curso, sendo que, de acordo com a Tabela 1, pode-se observar que os dados, inicialmente, indicam que os parâmetros do grupo no pós-curso são ligeiramente superiores aos do pré-curso.

Sendo assim, de acordo com o teste de Wilcoxon ($p = 0,0313$), o resultado da análise revelou que essas diferenças são consideradas estatisticamente significantes. Tal resultado pode sugerir que, com ações adequadas para mudanças de atitudes sociais, é possível alterar considerável e positivamente as concepções e as atitudes, mesmo em um curso de apenas 4 horas.

Resultados semelhantes foram encontrados por Dias e Souza (2018) e Souza, Lindolpho e Pereira (2018), ao elaborarem cursos de capacitação para pequenos grupos de professores, tratando aspectos relevantes sobre a Educação Especial, Educação Inclusiva e diversidade.

Omote et. al (2005) organizaram atividades ligadas à temática da inclusão por meio de um curso de 14 horas, distribuídas em sete encontros de duas horas semanais e encontraram escores maiores no pós-teste, ou seja, as atitudes sociais dos estudantes do curso do extinto Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM) se tornaram mais favoráveis em relação à inclusão após a intervenção.

Nos estudos de Souza, Silvero e Galhardi (2014), os pesquisadores localizaram ligeira alteração das atitudes sociais em relação à inclusão após a participação dos estudantes do curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia Institucional e Clínica em um curso de 12 horas de duração. Os mesmos autores discutem a respeito das intervenções realizadas, sendo considerada para os futuros estudos uma maior duração das intervenções, a introdução de tópicos relacionados à inclusão em algumas disciplinas ou cursos, possibilitando assim, maior efetividade na modificação das atitudes sociais em relação à inclusão.

Shade e Stewart (2011) realizaram um estudo com 122 futuros professores da Educação Básica e com 72 futuros professores da Educação Especial. Por meio de disciplinas ministradas com foco em temas que abordavam a inclusão, foi possível verificar mudanças nas atitudes sociais dos participantes, através das mais variadas estratégias de intervenção.

Portanto, o ensino inclusivo pode ser alterado positivamente com intervenções. Esse ensino, além de demandar a disposição de recursos, também demanda capacitações que forneçam condições de maximizar a atuação dos profissionais. Assim, “[...] tal formação implica a revisão de seus pontos de vista e convicções acerca dessas questões, frequentemente fundadas em estereótipos e preconceitos” (OMOTE et. al, 2005, p. 394).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo deu enfoque às atitudes sociais por compreender a importância desse componente no ambiente educacional, visto que possibilita compreender a maneira como os envolvidos na educação estão lidando com o público alvo da Educação Especial.

Os resultados obtidos nesse estudo sugerem mudanças significativas nas atitudes dos participantes, em sua maioria futuros profissionais da educação. Mudanças que ocorreram após quatro horas de participação em um curso de capacitação. Dessa forma, é possível alterar atitudes sociais com estratégias pedagógicas pontuais, realizadas em poucas horas.

Portanto, é necessário que professores tenham acesso a informações sobre diversidade e diferença a fim de que suas práticas se tornem mais favoráveis à inclusão de alunos com deficiência, como ocorreu após a aplicação do curso de capacitação com os participantes dessa e de outras pesquisas mencionadas.

Nessa direção, estudos que envolvam as atitudes sociais em relação à inclusão e que tenham um interesse em modificar o quadro atual, podem fornecer auxílio para a construção de um ambiente educacional inclusivo. É necessário destacar que os envolvidos na educação precisam de apoios de diversas naturezas. As atitudes sociais em relação à inclusão, por si só, não garantem um ensino mais inclusivo. Os professores e envolvidos precisam de recursos,

apoio da equipe gestora, apoio familiar e apoio da Secretaria de Educação, bem como de toda uma rede de apoio externa para que possam realizar um trabalho mais integrado que possibilite um maior desenvolvimento do aluno.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, A. J. G. O método das pesquisas sobre talento: análise a partir de artigos indexados na base de dados scielo. In: OMOTE, Sadao; OLIVEIRA, Anna Augusta Sampaio de; CHACON, Miguel Claudio Moriel (Org.). *Ciência e conhecimento: em Educação Especial*. São Carlos: Marqueline e Manzini: ABPEE, 2014. p. 115-124.
- BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (BRASIL). *Resolução n.º 466*, de 12 de dezembro de 2012. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em 10 jan. 2012.
- CONCEIÇÃO, A. de N. *Construindo um ambiente inclusivo: estudo sobre mudanças de concepções de deficiências e atitudes sociais de crianças em relação à inclusão*. 2018. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Especial e Inclusiva). Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília, 2018.
- DIAS, C. A. N.; SOUZA, M. M. G. S. Mudanças de atitudes sociais de professores em relação à inclusão. *Revista Tecer*. 2018 (no prelo).
- GLAT, R.; OMOTE, S.; PLETSCHE, M. D. Análise crítica da produção do conhecimento em Educação especial. In: OMOTE, Sadao; OLIVEIRA, Anna Augusta Sampaio de; CHACON, Miguel Claudio Moriel (Org.). *Ciência e conhecimento: em Educação Especial*. São Carlos: Marqueline e Manzini: ABPEE, 2014. p. 13-23.
- OLIVEIRA, A. A. O processo de inclusão no Brasil: políticas públicas para o educando com necessidades educacionais especiais. In: GENARO, K. F.; LAMÔNICA, D. A. C.; BEVILACQUA, M. C. *O processo de comunicação: contribuição para a formação de professores na inclusão de indivíduos com necessidades educacionais especiais*. São José dos Campos, SP: Pulso Editora, 2006.
- OMOTE, S. Produção acadêmica em Educação Especial. In: OMOTE, Sadao; OLIVEIRA, Anna Augusta Sampaio de; CHACON, Miguel Claudio Moriel (Org.). *Ciência e conhecimento: em Educação Especial*. São Carlos: Marqueline e Manzini: ABPEE, 2014. p. 13-23.
- OMOTE, S. et al. Mudança de atitudes sociais em relação à inclusão. *Paidéia*, Ribeirão Preto, v.15, n.32, p. 387-396, 2005.
- SCIOR, K. Public awareness, attitudes and beliefs regarding intellectual disability: a systematic review. *Research in Developmental Disabilities*, New York, v. 32, n. 6, p. 164–2182, Nov./Dec. 2011.
- SHADE, R. A.; STEWART, R. General Education and Special Education preservice teachers' attitudes toward inclusion. *Preventing School Failure*. v.46, n.1, p.37-41, 2011.
- SOUZA, M. M. G. S. *Estudo evolutivo de concepções de crianças e adolescentes sem deficiência sobre as deficiências e suas atitudes sociais em relação à inclusão*. 2014. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília, 2014.
- _____. Atitudes sociais em relação à inclusão e concepção sobre atendimento educacional especializado na formação de especialistas em Educação Especial. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 30, n. 59, p. 751-762, set./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/issue/view/1261>>. Acesso em: 23 janeiro de 2018.

SOUZA, M. M. G. S.; LINDOLPHO, D. M. P.; PEREIRA, A. A. mudanças de atitudes sociais de professores em relação à inclusão de alunos com deficiência. *Inclusão Escolar: perspectivas e práticas pedagógicas contemporâneas*. 2018 (no prelo).

SOUZA, M. M. G. S.; SILVERO, A. S.; GALHARDI, C. M. Formação inclusiva: concepções de deficiência e atitudes sociais em relação à inclusão de estudantes de Psicopedagogia. *Revista Têcer*, Belo Horizonte, v. 7, n. 13, p. 79-90, nov. 2014. Disponível em: <<http://www3.izabelahendrix.edu.br/ojs/index.php/tec/article/view/698/619>>. Acesso em: 19 janeiro 2018.

STERNBERG, R. J. *Psicologia Cognitiva*. Porto Alegre:ARTMED, 2000.

VIEIRA, C. M. *Atitudes sociais em relação à inclusão: efeitos da capacitação de professores para ministrar programa informativo aos alunos*. 2014. 183 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2014.

VIEIRA, C. M.; OMOTE, S. Aspectos metodológicos e éticos de uma pesquisa sobre mudança de atitudes sociais de professores e estudantes em relação à inclusão. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v.25, n.3. p. 299-320, Set/Dez. 2017.

Recebido em: 02 de janeiro 2018

Modificado em: 29 de março de 2018

Aceito em: 30 de junho de 2018